

A EUFORIA DO CORPO

A Igreja diz: o corpo é uma culpa. A Ciência diz: o corpo é uma máquina. A publicidade diz: o corpo é um negócio. E o corpo diz: eu sou uma festa.
Eduardo Galeano, escritor uruguaio.

I

O corpo é uma loucura!

Despido dos seus pruridos, dos seus cílios, ele é a massa plástica do insípido. Prosaico como uma maçã, ainda que, potencialmente, sempre fruto do pecado. Uma deliciosa contradição para a boca, as mãos e tudo mais o que se deseja comer.

Há, aí, uma gramática subjacente dos olhos, feita por exploradores de pedras preciosas, escondidas entre curvas de enseadas e mucosas, excitáveis ao toque das sinapses e terminações nervosas.

[**Sinapse** – *sf.*: 1 GEN emparelhamento de cromossomos homólogos durante a meiose 2 FISL local de contato entre neurônios onde ocorre a transmissão de impulsos nervosos de uma célula para a outra¹.]

Um senso em contrário, amplo como um vaivém de porta que não se consegue mais fechar, dando para uma espécie de labirinto sem mapas ou réguas. Eu, particularmente, gosto de me perder aí, por entre samurais, dragões e espadas, enquanto colo minha derme na de outrem, num pacto de olfatos e degustações. Um fruir de substantivos, verbos, objetos diretos, indiretos e complementos.

Mas, há alguma recompensa, no final? Nesse balé feérico da minha loucura sobre a loucura alheia?

Sim, há, ainda que em procura. Sempre que dispensamos a leitura de qualquer missal, para a liturgia de nossos segredos. Uma charada que convida ao repetir do enigma. Pecado sem arrependimento, abrindo cordões, correntes e camisas de força.

¹ HOUAISS, Antonio, VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 2.576.